

TA PU

DICIONÁRIO CRÍTICO

ramayana lira



Eu sou uma puta.
Você é quem? É uma puta
também?
Não deixe que saibam
que somos duas.
Que merda ser uma puta
Mulher de vida pública
Uivar o próprio nome
Como cadela na rua



Comecei a dar aulas quando, aos seis ou sete anos de idade, recém-alfabetizada, brincava de ser a professora dos filhos iletrados da empregada doméstica cabocla da casa dos meus pais. Comecei a ser paga para isso aos vinte, ensinando inglês para os filhos da classe média. Ganhei pouco dinheiro fazendo outras coisas. É uma profissão sólida, pouca gente sente pena de mim, principalmente porque, vejam só, sou professora do ensino superior. Mas, como sabemos, uma profissão é sólida exatamente porque ela paralisa nosso corpo no cumprimento de certa ordem, certas ordens.



Esse corpo, que é meu corpo, não é meu nas três horas em que tenho que me apresentar diante de meus alunos, muitos dos quais prefeririam não estar lá; esse corpo não é meu quando sento em reuniões intermináveis; esse corpo não é meu quando tenho que sentar diante do computador para ler, escrever, produzir, produzir, produzir. Não tenho nenhuma ilusão de que, por ter uma profissão sólida, superior, eu não esteja vendendo meu corpo. Não literalmente, claro, mas me fodem por todos os lados: a CAPES me fode com a sua sucupira rombuda, o MEC me fode no seco com seus currículos, o mercado me fode de pé contra a parede com as suas expectativas inalcançáveis. Não literalmente, é claro.



Porque literalmente ninguém vai me foder sem o meu consentimento. Isso é ilegal. Foder alguém sem o seu consentimento é ilegal. Literalmente. Mas isso não me impede de entender perfeitamente quando Virginie Despentes pede que paremos de vitimizar as putas. Despentes já fez de tudo um pouco: foi diarista, vendedora de disco, prostituta. O seu *Teoria King Kong*¹ evoca sua trajetória pessoal, incluindo o estupro sofrido aos 17 anos de idade, e traduz a inquietação de quem sabe que a sociedade se torna cada vez mais pudica, e a atmosfera, mais reacionária. Ela fala como uma mulher que foi puta e como mulher puta com o estado das coisas.

1 DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo : n-1 edições, 2016



É linda essa polissemia da puta em português: sim, diz respeito à prostituição, mas é também adjetivo para a mulher indignada, raivosa, puta da cara, rosto-puta; designa, também, uma certa intensidade, amplificação: uma puta mulher, uma grande mulher. A puta, a palavra, entre nós é, ao mesmo tempo, a figura exemplar da exploração da mulher e a potência toda que só uma puta mulher pode ter. Para Despentés, tratar a puta como caso especial só serve para duas coisas: controlar ainda mais a autonomia do corpo da mulher e esconder o fato de que somos todas putas. Afinal, se as putas existem como caso excepcional então nós, mulheres direitas, não temos o que temer. A puta lá, e nós cá.



Trocar sexo por dinheiro. Mas não seria essa a lógica do casamento tradicional? Na verdade, o casamento heteronormativo em uma sociedade patriarcal chega a ser mesmo mais opressor.

Não que a puta seja mais livre que a mulher casada, mas se o contrato prostitucional for legalizado, o contrato matrimonial aparecerá como ele é, obrigação de trocas afetivas, em que a mulher assegura o conforto do homem “por um preço que desafia qualquer concorrência”, dirá Despentès. E, podemos complementar, com o acréscimo da mais-valia do trabalho doméstico.



Mas isso, claro, não deve me afetar. Sou professora de nível superior, casada com uma mulher, nunca tive que vender minha hora/buceta, hora/cu, minha hora/boca para sobreviver. Apenas minha hora/aula. Minha hora/aula protegida, ainda que precariamente, pela lei. Em um sentido bem literal eu não vendo meu corpo à CAPES. Ou à universidade para a qual trabalho. Assim como a puta não vende seu corpo. A commodity aqui não é o corpo em si, mas nossos serviços. O meu, dirão, superior. O da puta, certamente, degradante, complementarão. Sexo, a sagrada conjunção dos corpos, dirá o romântico. Outros chamam de pequena morte, situação-limite, experiência



que deixa o filósofo confuso e envergonhado. Melhor transcendentalizar essa coisa do que bater uma bela punheta ou lambar um piscante cu. Pois nada transcendental ou romântico, o sexo. Nada degradante. O que degrada é o capital. O que degrada são as condições em que o capital aprisiona nossos corpos, bucetas, cus, paus, sovacos, peitos, joelhos. O capitalismo é degradante, não o sexo. Quando as condições degradantes que são reforçadas pela ilegalidade são aliviadas ficamos diante de uma transação comercial. Transação. Até aqui o capital nos rouba nossa transa.



Despentes vai dizer: as imagens que nos chegam das putas são sempre degradantes. Curioso que em bem menor número são as imagens das costureiras dos sweatshops que nos dão as zaras nossas de cada dia; das babás que não votam porque a patroa, cujo voto aparentemente vale mais, prefere pagar a irrisória multa pela abstenção da babá a permitir que vá votar; as imagens da degradação das operárias mexicanas, que não podem sair das linhas de produção sequer para mijar. É preciso, antes, nos aterrorizar com as imagens degradantes das putas para delas esvaziar toda a potência.



A ilegalidade da prostituição é uma forma de delas retirar toda a potência. As putas se conectam ao capital de diversas formas. Como Suely/Hermila do filme de Karin Aïnouz, *O céu de Suely*: elas inventam meios de vida, inventam mundos, inventam coletivos. As putas de Calcutá, por exemplo, em seu lindo manifesto, perguntam: em um país com uma gigantesca proporção de desempregados, de onde vem essa propensão a desalojar milhões de mulheres e homens que já estão engajados em uma ocupação que lhes permite sustentar a si e a suas famílias?



Se outras trabalhadoras em ocupações semelhantemente abusivas podem trabalhar na estrutura de suas profissões para melhorar suas condições de trabalho, por que as trabalhadoras do sexo não podem permanecer na indústria do sexo e demandar um melhor negócio?

Talvez porque, assim, ficaria mais evidente a prostituição legalizada do contrato matrimonial, diria Virginie Despentes. E também porque desmistificaria o sexo. O serviço sexual é uma commodity. Sexo é também trabalho. E o trabalho é que fode com a gente.

Dicionário crítico: puta Ramayana Lira de Souza, 2017

© Ramayana Lira de Souza e Cultura e Barbárie, 2017

L768d Lira, Ramayana

Dicionário crítico: puta / Ramayana Lira de Souza - Desterro (Florianópolis):
Cultura e Barbárie, 2017.

24p.

ISBN: 978-85-63003-87-4

1. Gênero. 2. Teoria feminista. 3. Prostituição. I. Título. II. Autor.

Cultura e Barbárie Editora

COORDENAÇÃO EDITORIAL Fernando Scheibe, Marina Moros

CONSELHO EDITORIAL Alexandre Nodari, Flávia Cera, Fernando Scheibe, Leonardo D'Ávila e Marina Moros

www.culturaebarbarie.com.br | contato@culturaebarbarie.com.br

Florianópolis/SC

